

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM IDENTITÁRIA NEGRA DENTRO DO PROCESSO DE EDUCAÇÃO: A ILUSTRAÇÃO E A INFLUÊNCIA DO BLACKFACE NA FORMAÇÃO DESTE CONCEITO

Jéssica Menezes de Araújo dos Santos

UNEB - Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Exatas e da Terra
Jessica_menezes1989@hotmail.com

Janaína Bastos Alves

UNEB - Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação
janainabastosalves@gmail.com

Eudaldo Francisco dos Santos Filho

UNEB - Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Exatas e da Terra; IIPM -
Instituto de Identificação Pedro Mello
eudaldofilho@gmail.com

Resumo

O presente estudo visa investigar como a representação gráfica da figura humana, através da ilustração na literatura e nos materiais paradidáticos infantis, contribuem para a formação identitária da criança. A investigação foi construída levando-se em consideração a abordagem e, principalmente, a representação gráfica dos conceitos de raça e identidade. Tal intento foi proposto a fim de promover questionamentos sobre a representatividade do negro na sociedade e seu registro imagético no processo de ensino aprendizagem, através da ilustração e discurso onde estão representados pessoas negras.

Palavras chave: *blackface*, ilustração, imagem identitária.

Abstract

The present study aims to investigate how the graphic representation of the human figure, through illustration in the literature and in the didactic materials for children, contribute to the identity formation of the child. The research was constructed taking into account the approach and mainly the graphic representation of the concepts of race and identity. Such an attempt was proposed in order to promote questions about the representativeness of the Negro in society and his imaginary record in the process of teaching learning through the illustration and discourse where black people are represented.

Keywords: Blackface, illustration, identity image.

1 Introdução

A imagem é um meio de expressão do conhecimento e da cultura humana desde os tempos pré-históricos. Mesmo quando ainda eram utilizadas por meio das pinturas em paredes de cavernas, para comunicar, registrar e construir conhecimento. As representações gráficas eram ferramentas de comunicação entre os indivíduos, sobre os perigos, histórias, aspectos do seu cotidiano e do grupamento social em construção. É importante salientar a relação do homem com a imagem, pois, mesmo antes do uso da palavra escrita, a imagem já se prestava como meio de comunicação entre os indivíduos. Hoje, constatamos que a imagem é constantemente reinventada, de forma a ser pressuposto comunicacional da sociedade moderna, visto que ainda é um instrumento poderoso na qual expressa e simboliza valores sociais sem a maioria das barreiras idiomáticas que a linguagem textual enfrenta. O incremento tecnológico fez com que, no último século, houvesse um crescimento exponencial dos meios e suportes da imagem, e por conseguinte, uma explosão do seu poder. A comunicação visual passa a ser um meio de discurso preponderante no mundo moderno, difundindo e construindo conceitos com uma rapidez impensada há algumas décadas.

A imagem tem papel determinante dentro da formação de conceito e valores do indivíduo, principalmente quando se trata nas fases iniciais de aprendizado. Tomando por base a imagem como manifestação iconográfica da realidade, nos mais diversos meios e suportes de comunicação, podemos inferir que é um poderoso instrumento de comunicação, formação, construção e difusão de conhecimento, principalmente quando está em um processo sistematizado, como acontece na escola formal. Como visto anteriormente, dentro do processo de ensino-aprendizagem, é possível se concatenar recursos, no sentido de utilização da imagem como método de abordagem dos mais diversos conteúdos, e consequentemente valores. Diante do exposto, podemos afirmar categoricamente que a imagem é um efetivo construtor de mensagens e valores dentro da escola.

2 A relação da construção identitária e o processo de ensino-aprendizagem

O ser humano vive em constante edificação de sua formação, seja moral e educacional, como também identitária. Neste processo, a prevalência da imagem é notada, e se constrói com base em padrões visuais e imagéticos existentes no mundo. Neste sentido, constata-se a influência do mundo externo na formação

humana, o convívio com o outro e o contato com o meio, que propicia a referida construção, instituindo-lhe características na personalidade que podem variar, dependendo do que lhe é oferecido. A partir da convivência em seus relacionamentos e o meio que o cerca, inclusive imagens, os indivíduos desenvolvem-se.

Sobre isso, Vygotsky (apud PALMEIRA, 2008, p. 133) discorre que, “[...] a criança no seu processo de desenvolvimento, influencia o ambiente e a si mesma, ao mesmo tempo em que é influenciado por ele”. Esse pensamento do autor é denominado sócio-interacionismo, o que se pode entender por interação social é que tem, também, a imagem como referencial. Nesse sentido, ainda na infância, o convívio e os estímulos do entorno social têm participações relevantes na formação humana. Dessa forma, o que é exposto, ensinado, oferecido como padrão e orientado às crianças, pode repercutir na construção da sua identidade. Assim, os indivíduos infantes estão/são sujeitos às mais diversas experiências formando seu caráter. Diante disto, é imprescindível que haja um cuidado com o que está sendo apresentado aos indivíduos em fase infantil, pois sua interferência será impactante.

Com o ingresso na escola, ou seja, na educação formal, a construção e desenvolvimento identitário da criança se ligam ao seu processo de ensino-aprendizagem. Isto indica que, o que for disponibilizado didaticamente para o educando pode gerar concepções que farão parte da sua vida. Assim sendo, a mediação dos educadores e seu aporte didático é preponderante nesta situação. Torna-se relevante, portanto, atentar para o que é trabalhado nas escolas com as crianças, pois interfere no seu processo, não somente educacional como de construção identitária. Piaget (1998, p. 33) ressalta que “a educação é, por conseguinte, não apenas uma formação, mas uma condição formadora necessária ao próprio desenvolvimento natural.” Isso, de certa forma, alerta sobre o que é transmitido e desenvolvido com os educandos, sendo que estes conhecimentos farão parte das suas vidas.

Em se tratando da capacidade criadora das crianças, que faz parte do seu processo ensino-aprendizado e conseqüentemente de construção identitária, a imaginação induz às brincadeiras e ao referencial imagético do imaginário. Na infância, o lúdico e a fantasia são constantes, e o ideal imaginário incita a formação

da personalidade que está em desenvolvimento. Dessa forma, o brincar, o fantasiar, instiga o conhecimento e a identidade pessoal de cada um, que está em constante construção. Sobre isto, Vygotsky assevera:

Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras. A criança que monta um cabo de vassoura e imagina-se cavalgando um cavalo; a menina que brinca de boneca e imagina-se a mãe; a criança que, na brincadeira, transforma-se num bandido, num soldado do Exército Vermelho, num marinheiro – todas essas crianças brincantes representam exemplos das mais autêntica e verdadeira criação. É claro que, em suas brincadeiras, elas reproduzem muito do que viram. Todos conhecem o enorme papel da imitação nas brincadeiras das crianças. As brincadeiras infantis, frequentemente, são apenas um eco do que a criança viu e ouviu dos adultos. (Vygotsky, 2009, p. 16)

O autor acima versa sobre a capacidade criadora das crianças, e também sobre a compreensão das imagens no mundo infantil, assim como da importância dos estímulos externos em relação à formação dos indivíduos em tenra idade. Em relação à escola, um dos elementos que é crucial e imprime conceitos, educa e configura a personalidade das crianças é o material didático, que ao ser adotado pelos (as) professores (as) servirão de apoio nas suas aulas. Por esse motivo, antes mesmo de ser escolhido, deve ser analisado e refletido quanto à sua utilidade e eficácia, no que se refere ao desenvolvimento intelectual, cognitivo e motor. É ainda relevante uma análise em relação às consequências de sua utilização, quanto à construção da identidade dos educandos, visto que, o que é apresentado na classe é absorvido pela turma. Essa absorção pode ser rasa, mediana e/ou intensa, mas seja qual for seu grau de apreensão, repercutirá nos alunos. Vale ressaltar que o objeto de investigação deste trabalho não é todo o material didático, focamos apenas nos paradidáticos, que compreendem os livros de contos infantis, os quadrinhos, animações e demais equipamentos utilizados para a prática docente.

Com a escolha do material paradidático, o (a) professor (a) se vale dos conteúdos contidos neste, exercitando a práxis pedagógica e transmitindo assim os conhecimentos objetivados. A dinâmica do ensino-aprendizagem acontece com o aporte de tal material, que por sua vez estimula o contato de saberes, e dependendo dos assuntos trabalhados, também impactarão na construção identitária da criança. É por isso que as imagens apresentadas nestes recursos afetam a formação do

educando. Como nossa proposta é refletir sobre a representação da ilustração da figura humana em tais suportes, e sua consequência nos indivíduos em idade pueril, nos ocupamos em discorrer a cerca dessa importante questão, focando na análise das imagens contidas nos impressos e sua utilização pelos educadores.

2.1 Relação da imagem na aprendizagem e construção identitária das crianças

Em contato com as diversas maneiras de se educar, os seres humanos aprendem, ensinam e formam suas personalidades constantemente. Assim sendo, os fatores envolvidos nesse processo têm impacto em tais formações, desde o fator conteúdo, lazer, mídias, crenças, informações, até os materiais que são compartilhados nas relações sociais. Desde a infância, estamos sistematicamente em contato com uma grande diversidade de informações de toda natureza, escrita, oral e imagética. Estamos constantemente absorvendo mensagens que nos são oferecidas, aprendemos e ensinamos em contato com o mundo e com o outro, e com isso nosso desenvolvimento acontece.

Na interação social, ainda na infância, a construção identitária é formada e está em constante formação, além de atrelada ao processo de ensino-aprendizagem que favorece o desenvolvimento da identidade de cada indivíduo em um convívio grupal. Nesse sentido, a escola tem participação relevante e os (as) educadores (as) são os mediadores dessa construção. Nessa convivência, são abordadas diversas temáticas, são expostos diversos conteúdos, saberes são experienciados e informações reveladas. Desta maneira, todas as abordagens terão repercussão no aprendizado dos educandos. Com isso, ao refletir sobre a construção da identidade em idade infantil, no contexto educacional, nos ocorre de imediato refletir sobre o material paradidático, visto que este é utilizado como apoio para a práxis educativa. Tratar da formação da identidade nas crianças, logo nos adverte um olhar sobre a imagem da figura humana em tal material, especialmente no que tange a questão racial. Assim, surge um questionamento instigante: a relação entre a representação da figura humana nos impressos com a formação identitária dos indivíduos em tenra idade.

Com responsabilidade inegável sobre a formação da criança, seja intelectual, cultural e identitária, a escola não deve se isentar de refletir sobre os conteúdos,

sejam narrativos ou imagéticos que estão sendo trabalhados nos materiais paradidáticos. Crianças estão em constante formação, e seu desenvolvimento enquanto pessoa está também imbricado ao seu processo de ensino-aprendizagem. Portanto, os conteúdos compartilhados em sala de aula resultarão na sua constituição intelectual, cognitiva, sócio interativa e identitária. Trabalhar a representação gráfica da figura humana requer atenção e prudência, visto que, o que é posto e exposto para as crianças não passará despercebido, e de alguma forma lhes inculcarão valores a serem levados por toda sua vida.

Quando se trata de questões raciais, o fato é que, os materiais paradidáticos utilizados como apoio educacional nas escolas, especialmente os clássicos livros da literatura infantil, vêm representando os negros de forma estereotipada e estigmatizada, isso quando não há uma ausência desta raça. Essas representações, feitas de maneira pejorativa, afetam negativamente o processo de construção identitária de crianças negras, que muitas vezes desenvolvem a negação de sua própria constituição racial. É possível também, constatar o complexo de inferioridade por parte destas, bem como o contrário, a ilusória concepção de superioridade entre as brancas. Quanto a esta questão, Cavalleiro (2005) reflete que:

O conflito e a discriminação raciais na escola não se restringem às relações interpessoais. Os diversos materiais didático-pedagógicos – livros, revistas, jornais, entre outros – utilizados em sala de aula, que, em geral, apresentam apenas pessoas brancas com e como referência positiva, também são ingredientes caros ao processo discriminatório no cotidiano escolar. Quase sem exceção, os negros aparecem nesses materiais apenas para ilustrar o período escravista do Brasil-Colônia ou, então, para ilustrar situações de subserviência ou de desprestígio social. A utilização de recursos pedagógicos com esse caráter remonta a um processo de socialização racista, marcadamente branco-eurocêntrico e etnocêntrico, que historicamente enaltece imagens de indivíduos brancos, do continente europeu e estadunidense como referências positivas em detrimento dos negros e do continente africano. (CAVALLEIRO, 2005, p. 13)

Com a ressalva de Cavalleiro, entendemos que o material didático, bem como os paradidáticos, tem peso na vida estudantil das crianças. Não se ver representado, ou mesmo, não se reconhecer na representação gráfica da figura humana exposta nesses materiais, fatalmente pode prejudicar a construção identitária, assim como o

seu processo de ensino-aprendizagem. Os alunos, em contato com as imagens colocadas em tais materiais, estão sujeitos aos mais diversos impactos, que podem ser constrangedores e nocivos à sua formação. Os impactos vão desde a baixa autoestima, o déficit no desempenho pedagógico, a alienação em relação ao pertencimento racial, até chegar à evasão escolar. Essa tradução da imagem negra nos materiais paradidáticos é também uma forma de discriminação racial no ambiente educacional. Continuando com o entendimento da autora acima, temos:

[...] a existência do racismo, do preconceito e da discriminação raciais na sociedade brasileira e, em especial, no cotidiano escolar acarretam aos indivíduos negros: auto-rejeição, desenvolvimento de baixa auto-estima com ausência de reconhecimento de capacidade pessoal; rejeição ao seu outro igual racialmente; timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula; ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial; dificuldades no processo de aprendizagem; recusa em ir à escola e, conseqüentemente, evasão escolar. Para o aluno branco, ao contrário acarretam: a cristalização de um sentimento irreal de superioridade, proporcionando a criação de um círculo vicioso que reforça a discriminação racial no cotidiano escolar, bem como em outros espaços da esfera pública. (CAVALLEIRO, 2005, p. 12)

A colaboração da autora atenta para uma questão que continua fazendo parte da esfera escolar, que é o racismo histórico. Esse, por sua vez, exalta uma raça em detrimento de outra. É importante destacar que a mediação dos (as) educadores (as) tem relevância nesse processo. Sua atuação perante os alunos pode contribuir para o esclarecimento destes em relação à sua formação identitária, como também pode reforçar sua conturbação. Portanto, a análise prévia dos materiais paradidáticos a serem utilizados na prática docente, revela o comprometimento do profissional com a turma em sua educação plena. Ainda em Cavalleiro (2005), podemos encontrar o seguinte entendimento sobre o assunto:

Nessa linha, é preciso não só boa vontade e sensibilidade dos profissionais da educação, mas também o fornecimento de material didático-pedagógico anti-racista e recursos auxiliares aos professores para que possam ministrar aulas combatendo o preconceito e a discriminação raciais. (CAVALLEIRO, 2005, p. 14)

Diante da assertiva de Cavalleiro fica evidente a necessidade de reflexão sobre a concepção gráfica do material didático, como também paradidático, de forma que combata o racismo e auxilie os (as) professores (as) nas práxis pedagógicas. Dispor de instrumentos que viabilizem uma aula reflexiva sobre a questão racial, de

ferramentas que conduzam ao lúdico e favoreçam na construção da identidade é imprescindível para que a criança se reconheça naquele espaço. A visão de si e do mundo através da sua imagem representada e valorizada graficamente, não dissociam do processo de ensino-aprendizagem, e orientam o sentimento de pertencimento dos educandos em relação a sua raça.

No ambiente escolar o racismo é fato, e as tentativas de combate vêm sendo intensificadas para garantir o direito igualitário de todas as crianças nesse espaço. Essa garantia, diz respeito também ao seu reconhecimento enquanto ser humano que dispõe de capacidades e habilidades iguais aos de seus pares, sem distinções. Neste sentido, identificamos a representação da imagem supostamente superior de alguns arquétipos enfatizados em nossa sociedade. Tendo em vista o contexto em que brancos são conceituados como belos, inteligentes e puros, enquanto negros são denominados feios, subalternos e inferiores. Quanto a isto, Sousa (2005, p. 107) relata que, “como na cultura racista brasileira já é comum relacionar pessoas negras a coisas negativas, tais definição tendem a consolidar a discriminação, podendo provocar situações muito desagradáveis para as alunas e alunos negros (as).” É o que de fato podemos constatar na agressiva condição em que educandos (as) negros (as) são relegados (as), representados graficamente de forma pejorativa nos materiais didáticos, paradidáticos e nas mídias.

A visão de escola, como espaço de interação e de aprendizagens que favorecem construções nas mais variadas dimensões dos (as) educandos (as), é recorrente. Assim, os materiais paradidáticos terão relevância nessa dinâmica. Seus conteúdos terão participação no ensino-aprendizagem e na construção identitária, como já ressalvamos. É válido reforçar esse aspecto, pois nossa intenção é justamente identificar o impacto da representação imagética da figura humana nesses exemplares, nos equipamentos pedagógicos e nos materiais não necessariamente pedagógicos, mas utilizados como tal.

3. Padrões e imagens de representação humana, através da ilustração, que reforçam estereótipos e pressupostos em relação a cor da pele.

A representação da identidade étnico-racial, nos materiais infanto-juvenis, vem sendo historicamente atreladas a estereótipos. E, em se tratando especificamente da

reprodução gráfica do negro na ilustração, acaba por ter uma expressão com alguns valores e pressupostos conceituais. Através do tempo, a ilustração da figura humana pelos personagens negros, tem sido ligada a valores como: escravidão, servidão, subserviência, secundarizando sua participação nas narrativas. Esse conceito é corriqueiramente atribuído à imagem dos negros ilustrados na literatura, e do mesmo modo, caracterizando-os como personagens menores ou em estado de inferioridade, pelo exagero das suas características fenotípicas, qualificando-os como *blackface*. O conceito de *blackface* remonta aos primórdios do teatro, quando a caracterização da pessoa negra era apenas pela pintura exagerada da face do ator com a cor preta, simulando uma espécie de caricatura dos traços negroides que reforçavam os estereótipos.

A representatividade negra é importante durante a formação da identidade da criança, pois nessa fase o indivíduo está suscetível a absorver e construir padrões estéticos. Tais padrões geralmente são impostos dentro das suas relações sociais, assim sendo, é de vital importância que sejam laboradas em sala de aula questões de gênero, raça e etnia. Sobre isso Gomes (2005) complementa:

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores(as), sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2005, p. 43)

Ao analisar os materiais paradidáticos trabalhados em sala de aula, bem como literaturas e personagens dos mais variados, é possível perceber tanto na narrativa textual, como na narrativa visual, do mesmo modo, através da ilustração ou no tratamento da imagem, que existe o reforço de estereótipos. Para confirmar a nossa afirmação, fizemos um levantamento de personagens, no quais as ilustrações ou representações das características físicas negroides são apresentadas de formas estereotipadas.

3.1 O fenômeno Blackface

A representação do Blackface no teatro data da primeira parte do século XX, e é um importante marco deste tipo de representação, como já nos referimos. Neste período, o recurso da exposição da imagem que caracteriza o personagem negro é a pintura caricata da face do autor, tornando os personagens sempre risíveis e grotescos, atributos que foram, e gradativamente vinculados, a ilustração negra no mundo do espetáculo. Tal fenômeno fez com que a indústria do entretenimento assumisse alguns adjetivos não tão positivos para a representatividade e construção de valor do negro na sociedade. As imagens publicitárias destes espetáculos podem ser eloquentes, diante do que foi dito e representado destes conceitos.



Imagem 1: Blackface no Teatro de Variedades ao iniciar do século XX/ Al Jolson em "O Cantor de Jazz": O Primeiro filme falado dá voz ao preconceito.

Fonte: <http://cinemadahistoria.blogspot.com.br/2012/06/o-blackface-como-denegrir-imagem-do.html>

Podemos observar que alguns conceitos imagéticos foram construídos no início do século passado e sempre apontavam para personagens negros que indicavam indivíduos toscos, singelos ou mesmo sistematicamente burlescos. A atribuição do protagonismo, de virtudes heroicas ou personalidades marcantes e decisivas no contexto não eram propriedades de tais personagens, fazendo com que as imagens fossem construídas no sentido de difundir pressupostos que estariam inexoravelmente atribuídos a uns tipos de personagens, naturalmente os de pele negra. Acreditamos que estes tipos de informações em nada ajudaram na construção de referências negras para crianças em formação.

3.2 Casuística: Tia Nastácia

No livro *Caçadas de Pedrinho* de Monteiro Lobato, é nítida a representação gráfica do que descrevemos até então. A imagem da personagem negra, Tia Anastácia (imagem 2), que representa com clareza um estado de subalternização em que a personagem é atrelada sempre às atividades elementares e domésticas.

No decorrer da narrativa é referenciado diversas vezes de forma pejorativa o ser negro, e fazendo o comparativo da senhora com um animal, deixando explicitado seus traços fenotípicos como algo negativo.



Imagem 2 - Desenho Tia Nastácia

Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/educadores-criticam-veto-a-livro-de-monteiro-lobato-15uocp0ipd1kpwji2efegvkum>

Segundo Souza (2005):

Monteiro Lobato reproduz em sua obra uma visão preconceituosa e um tratamento tipicamente racista da mentalidade da época, pois chega a identificar tia Nastácia como uma “negra de estimação”, aludindo à personagem feminina negra na condição de animal ou de objeto. (Souza, 2005, p. 188)

A assertiva, da autora acima, contribui com nossa pesquisa ao apontar a visão do autor Monteiro Lobato em relação à personagem Tia Anastácia. Levando-se em consideração que suas obras são direcionadas ao público infantil e geralmente trabalhadas em contexto escolar, disseminando uma imagem quase animalizada de uma pessoa de pele negra. Trechos da obra são claros neste sentido, como: “É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém - nem Tia Nastácia, que tem carne preta.” “Sim, era o único jeito. E tia Nastácia, esquecida de seus numerosos reumatismos, trepou que nem macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros”.

3.3 Casuística: Lamparina, Maria Fumaça e Nega Maluca:

Como observado, na produção de Marcolino Neto, os padrões estereotipados são base de um arranjo que reforçam conceitos dentro da construção e difusão do

conhecimento humano, principalmente quando se trata da imagem. Podemos reafirmar nossa tese quando observamos os personagens Lamparina, Maria Fumaça e Nega Maluca (imagem 3) encontrados nas publicações infantis da década de 20, entre elas da revista Tico-tico.



Imagem 3 - Composição personagens Lamparina, Maria Fumaça e Nega Maluca

Fonte: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00065.pdf>

Na nossa pesquisa encontramos nos desenhos uma morfologia que claramente faz alusão ao conceito de *blackface*, reforçando os traços caricatos na representação feminina negra, e ainda com as mesmas intenções de reafirmar conceitos de exotificação do corpo negro. A figura humana negra é retratada priorizando características grotescas e burlescas que são sempre vinculadas aos personagens negros.

A história em quadrinhos no Brasil – sua produção e consumo um espaço predominantemente masculino branco e, assim como as artes plásticas, caracterizada pela invisibilidade de personagens negrease pela sub-representação e subalternização das mulheres, [...] (NETO, 2015, p. 69)

A narrativa e o desenho demonstram exatamente o mesmo conceito de depreciação, e, como revela Oliveira Neto, misoginia, uma mistura destrutiva para a formação de uma imagem de identidade e referência de formação.

Conclusão:

Após a nossa investigação, podemos constatar que o histórico da representação gráfica, através da ilustração da figura humana negra, teve uma influência definitiva e fundamental no conceito de *blackface*. A materialização deste pré-suposto é de fácil identificação na construção das imagens observadas. Tal intento se apresenta fazendo com que a figura humana negra tenha um tratamento

gráfico que ratificava o contexto de sua narrativa, no sentido de atribuir diversos adjetivos e qualitativos que não favorecem a uma construção identitária crítica e de valor na infância e na adolescência.

A representação imagética dos indivíduos negros está com frequência carregada de conteúdos que depreciam o indivíduo, atribuindo-lhes características subalternas, inferiorizadas, depreciativas e repulsivas que fazem com que a construção identitária seja um problema para a juventude negra.

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03** / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. (Coleção Educação para todos)

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03** / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. (Coleção Educação para todos)

NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. **Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil**; In: Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 65-85. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151604>.

PALMEIRA, Maria José de Oliveira; **Educação e democracia: fundamentos teóricos para uma abordagem dos valores**; organizado por Maria José de Oliveira Palmira; Nilson Antônio Ferreira Roseira – Salvador; EDUNEB, 2008.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Tradução: Ivete Braga – 14 ed. – Rio De Janeiro: José Olímpio, 1998.

SOUSA, Andréia Lisboa de. **A Representação da Personagem Feminina Negra na Literatura Infantojuvenil Brasileira**; In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03** / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. (Coleção Educação para todos)

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. **Linguagens escolares e reprodução do preconceito**. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**

XII SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
11 E 12 DE DEZEMBRO DE 2017

/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

VIGOTSKI, Lev Smionovich. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes – São Paulo: Ática, 2009.